



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XII
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO
CAMPO**



ELISÂNGELA DE OLIVEIRA GOMES

**TRAJETÓRIAS E PROJETOS DE VIDA DE MULHERES DO CAMPO NA ESCOLA
DA CIDADE: DO ACESSO À EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS**

GUANAMBI-BA

2018

ELISÂNGELA DE OLIVEIRA GOMES

**TRAJETÓRIAS E PROJETOS DE VIDA DE MULHERES DO CAMPO NA ESCOLA
DA CIDADE: DO ACESSO À EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS**

Artigo Científico apresentado ao curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Educação do Campo da Universidade do Estado da Bahia (*Campus XII*) como requisito parcial para a obtenção do título de especialista.

Orientadora: Profa. Ma. Maria de Fátima P. Carvalho.

GUANAMBI-BA

2018

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Dados fornecidos pelo autor

DE OLIVEIRA GOMES, ELISÂNGELA

TRAJETÓRIAS E PROJETOS DE VIDA DE MULHERES DO
CAMPO NA ESCOLA DA CIDADE: : DO ACESSO À EXPERIÊNCIA NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS / ELISÂNGELA DE OLIVEIRA
GOMES. – Guanambi, 2018.

37 fls : il.

Orientador(a): Maria de Fátima Pereira Carvalho.

Inclui Referências

TCC (Pós-Graduação - Educação do Campo) - Universidade do
Estado da Bahia. Departamento de Educação.

1.Trajetória e Projetos de Vida. 2.Mulheres do Campo. 3.Educação
de Jovens e Adultos..

CDD: 370

ELISÂNGELA DE OLIVEIRA GOMES

**TRAJETÓRIAS E PROJETOS DE VIDA DE MULHERES DO CAMPO NA ESCOLA
DA CIDADE: DO ACESSO À EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS**

Artigo Científico apresentado ao curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Educação do Campo da Universidade do Estado da Bahia (*Campus XII*) como requisito parcial para a obtenção do título de especialista.

Orientadora: Profa. Ma. Maria de Fátima P. Carvalho.

Linha de pesquisa: Educação do Campo, Educação de Jovens e Adultos e Movimentos Sociais. Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE/CNPq).

Aprovada em 24 de setembro de 2018.

Profa. Ma. Maria de Fátima Pereira Carvalho (Orientadora – UNEB/*Campus XII*)

Profa. Dra. Sônia Maria Alves de Oliveira Reis (Avaliador/a – UNEB/*Campus XII*)

Profa. Dra. Adriana Pereira Bomfim (Avaliador/a – UNEB/*Campus XII*)

RESUMO

Este trabalho objetiva compreender, a trajetória e projetos de vida de mulheres que estudam na educação de jovens e adultos no município de Guanambi-BA. Para orientar este estudo, destaca alguns autores que debatem a temática, como: Prado e Reis (2012); Carvalho (2013); Cruz (2016); Marques (2017); Zago (2016) entre outros. O estudo foi realizado em uma escola pública do município de Guanambi-BA. A construção desta investigação utiliza uma abordagem metodológica fundamentada nos princípios da pesquisa qualitativa. O levantamento em bancos de informações a partir de documentos como o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), a Constituição Federal de 1988 e as diretrizes da educação de jovens e adultos, foram realizados como instrumento de coleta de dados. Em seguida, a opção foi pelo questionário aplicado a todos os estudantes da educação de jovens e adultos matriculados na escola pesquisada, a aplicação do questionário serviu para a seleção das colaboradoras para a entrevista semiestruturada. Assim, foram identificadas apenas duas mulheres residentes no campo à época da pesquisa e que cursavam a EJA, as quais foram entrevistadas. A partir das narrativas dessas mulheres, objetiva compreender quem são as mulheres que frequentam a EJA, os motivos pelos quais não puderam estudar na idade adequada, os desafios que enfrentam para estudarem, suas trajetórias e projetos de vida. Para tanto, a pesquisa apontou que as mulheres do campo carregam marcas da desigualdade social/educacional no que diz respeito ao fechamento de escolas no meio rural, a ida obrigatória para as escolas da cidade e a necessidade de optarem entre o trabalho e a escola.

Palavras-chave: Trajetória e Projetos de Vida. Mulheres do Campo. Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

This work aims to understand, the trajectory and life projects of women studying in the education of young people and adults in the municipality of Guanambi-BA. To guide this study, highlights some authors discuss the theme, such as: Prado and Reis (2012); Carvalho (2013); Cross (2016); Marques (2017); Zago (2016), among others. The study was carried out in a public school in the municipality of Guanambi-BA. The construction of this research uses a methodological approach based on the principles of qualitative research. The survey in information banks from documents such as the School's Political Pedagogical Project (PPP), the Law on Guidelines and Bases of Education (LDB 9394/96), the Federal Constitution of 1988 and the guidelines of youth and adult education, were performed as an instrument of data collection. Then, the questionnaire was applied to all students enrolled in the education of youngsters and adults enrolled in the studied school, the questionnaire was used to select the collaborators for the semistructured interview. Thus, only two women residing in the field at the time of the research and who attended the EJA were identified, who were interviewed. From the narratives of these women, the objective is to understand who are the women who attend the EJA, the reasons why they could not study at the appropriate age, the challenges they face to study, their trajectories and life projects. To do so, the study pointed out that rural women carry social / educational inequalities with regard to the closure of schools in rural areas, compulsory schooling in the city and the need to choose between work and school.

Keywords: Trajectory and Life Projects. Women of the Field. Youth and Adult Education.

LISTA DE SIGLAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

PPP - Projeto Político Pedagógico da escola

PRONAF - Programa Nacional de Assistência às famílias

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de matrícula de EJA por etapa de ensino no Brasil - 2008 a 2016..... 10

Gráfico 2 - Motivo de frequentar a EJA ao invés do ensino regular 15

TABELAS

Tabela 1 - Número de matrículas de alunos da Educação de Jovens e Adultos- Guanambi/BA
2017 16

Tabela 2 - Perfil das Colaboradoras 25

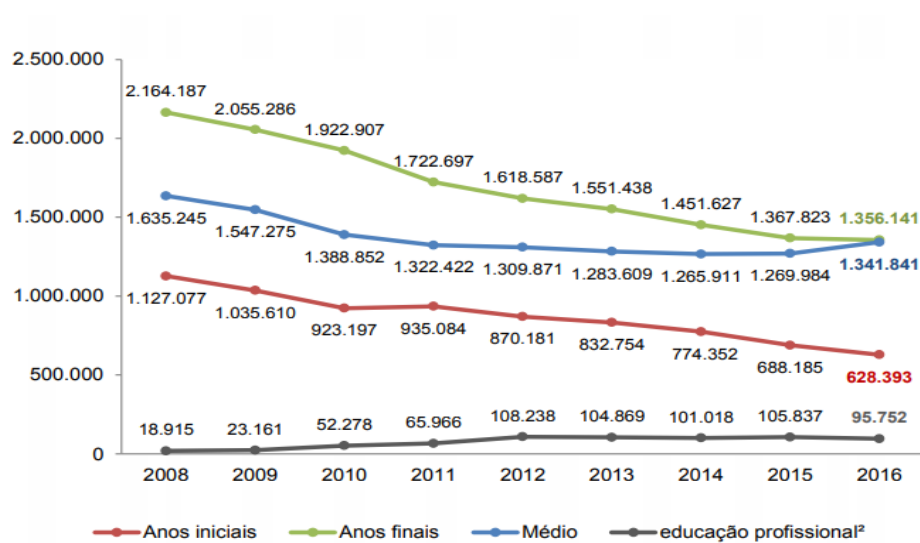
SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CAMINHOS TRILHADOS PELAS MULHERES DO CAMPO.....	13
2.1 As Mulheres do Campo: Quem são Elas?	13
2.2 Mulheres do Campo na Educação de Jovens e Adultos	14
2.3 Educação de Jovens e Adultos em Guanambi/BA	16
3. CAMINHOS METODOLÓGICOS E <i>LOCUS</i> DA PESQUISA	18
3.1 Abordagem de Pesquisa.....	18
3.2 Cenário da Pesquisa.....	18
3.3 Instrumentos e Procedimentos da Pesquisa	19
3.4 Participantes da Pesquisa.....	21
3.5 Análise dos Dados	23
4. TRAJETÓRIAS E PROJETOS DE VIDA DE MULHERES DO CAMPO NA EJA	24
4.1 Perfil das Mulheres do Campo Matriculadas na EJA em uma Escola Municipal de Guanambi/BA.....	24
4.2 Mulheres do Campo: do acesso à experiência na Educação de Jovens e Adultos	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33
APÊNDICES	37

1. INTRODUÇÃO

De acordo com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (BRASIL/INEP, 2017), o país tem matriculado na educação de jovens e adultos 3,4 milhões de alunos nas etapas de ensino fundamental e médio. Crescimento expressivo após longo período de queda na modalidade de ensino, o que atualmente corresponde a um aumento de 5,7%. Como disposto no gráfico 1.

Gráfico 1 – Número de matrícula de EJA por etapa de ensino no Brasil - 2008 a 2016



Fonte: INEP: Censo Escolar 2016.

Segundo os dados do último censo realizado a nível nacional sobre a evolução do número de escolas por etapa de ensino, o país entre 2008 e 2016 teve uma redução de 26,8% das escolas que oferecem a modalidade de educação de jovens e adultos. (BRASIL/INEP, 2017). O que vai à contramão e indica que a diminuição no número de escolas nos últimos oito anos que ofertam a EJA, não acompanha o aumento significativo que esta modalidade representa quanto às matrículas. Como observamos no gráfico 1.

Fato que tem condicionado à EJA ao longo das últimas décadas, espaço importante de debates, discussões e investigações, envolvendo os diversos aspectos dessa modalidade de ensino. Nesse sentido, a produção científica na área, também tem se tornado expressiva nos últimos anos, em defesa da aprendizagem ao longo da vida.

Por isso, esta pesquisa mostrou-se relevante, uma vez que a educação de jovens e adultos é de suma importância na inclusão de cidadãos jovens, adultos ou idosos que não

tiveram acesso à educação formal ou tiveram de maneira fragmentada e, por diversos motivos, retornam aos bancos escolares.

Muitos alunos da EJA são marginalizados dentro do sistema educacional, já que, em geral, são vítimas de um sistema social e econômico perverso, que os excluiu de oportunidades igualitárias no ensino formal. Desse modo, Machado (2011, p.397), salienta que “o desafio da escolarização de jovens e adultos no Brasil passa pelo enfrentamento de vários condicionantes históricos que produziram um país desigual”. A autora afirma ainda, que a educação pode e deve ser um dos elementos de busca da superação destas condições.

A EJA tem se dedicado à escolaridade de pessoas com idade posterior aos 14 anos, sem limite para a idade máxima. Neste cenário, encontra-se a presença de muitas mulheres do campo que por maneiras diversas, tiveram suas trajetórias escolares interrompidas ou faltou-lhes a oportunidade de estudarem durante a infância.

Por estar inserida no contexto da EJA e lidar com a presença de sujeitos que residem no campo e estudam na cidade, algumas questões são despertadas, como: quem são as mulheres do campo que frequentam a EJA? Quais os motivos pelos quais não puderam estudar enquanto crianças? Quais os desafios que enfrentam para estudarem? Quais as suas trajetórias e projetos de vida?

Para responder estas e outras questões envolvendo a presença de mulheres do campo na EJA, bem como compreender esse contexto, procuramos como objetivo principal, analisar as trajetórias e projetos de vida de mulheres do campo estudantes na educação de jovens e adultos numa escola municipal de Guanambi/BA. Assim, elencamos alguns objetivos específicos, a saber: traçar o perfil das mulheres do campo estudantes da EJA em uma escola municipal de Guanambi/BA; compreender como as mulheres do campo vivenciam o ensino da EJA numa escola localizada na cidade e, descrever as trajetórias e projetos de vida das mulheres do campo estudantes da EJA numa escola da rede municipal de Guanambi/BA, município que compõe o Território de Identidade Sertão Produtivo¹ no Sudoeste da Bahia.

O desejo de conhecer as trajetórias e projetos de vida de mulheres estudantes da EJA se ancora em minha trajetória formativa. Desde criança presenciei a luta e desafios das mulheres da minha família, avós e tias que moravam no campo e tinham grande preocupação com a vida, subsistência, alimentação e cuidado com os filhos. Mulheres inseridas em um

¹ O Território do Sertão Produtivo é formado por 20 municípios: Guanambi, Brumado, Caetitê, Palmas de Monte Alto, Iuiú, Candiba, Pindaí, Urandi, Sebastião Laranjeiras, Ibiassucê, Caculé, Rio do Antônio, Malhada de Pedras, Tanhaçu, Ituaçu, Contendas do Sincorá, Dom Basílio, Livramento de Nossa Senhora, Lagoa Real e Tanque Novo.

meio social de enfrentamentos pela condição de vida, no que configura a ausência de renda, a submissão, violência e pelo determinismo masculino.

Além disso, minha mãe também, desde a adolescência, atuou como professora de turmas multisseriadas², alfabetizando crianças e adolescentes do campo. E hoje, enquanto professora, do ensino fundamental e da EJA da rede municipal de ensino de Guanambi-BA, surgiu o interesse, em conhecer as trajetórias e projetos de vida das mulheres que estudam nessa modalidade de ensino, em especial, as mulheres do campo.

Por isso, acredito que este estudo é enriquecedor e ao mesmo tempo provocativo, por proporcionar uma imersão de sentimentos extremos que vão da alegria das conversas, do estar junto, conhecer, conviver (ainda que por pouco tempo), à constatação de uma realidade vivenciada por mulheres do campo, muitas vezes perversa, que restringe oportunidades na educação e na participação social.

Portanto, o trabalho que segue está organizado em seções. Na primeira seção encontra-se uma discussão conceitual sobre a mulher do campo e sobre as mulheres do campo estudantes da EJA em uma escola da cidade.

A segunda seção consta os procedimentos metodológicos da pesquisa. Neste tópico, descrevemos o caminho que foi percorrido, o lócus da pesquisa, a abordagem, os instrumentos utilizados e o processo de análise dos dados.

Na terceira parte encontram-se os resultados da pesquisa. Apresentamos o perfil das mulheres que compõe este estudo e a partir dos seus relatos expomos o olhar destas sobre o acesso e a experiência na educação de jovens e adultos, aí se inclui os desafios enfrentados e os objetivos proporcionados pela modalidade de ensino, assim também, descrevemos as trajetórias e projetos de vida das mulheres do campo inseridas na EJA.

Por fim, na última seção são expostas as considerações finais que retomam as questões e objetivos desta pesquisa para expor as reflexões a que chegamos.

² As escolas multisseriadas estão presentes no meio rural, e oferecem os primeiros anos da educação básica 1º a 5º ano do ensino fundamental. Neste espaço de ensino todos os alunos matriculados compartilham o mesmo ambiente e um único professor. (MATOS, 2017).

2. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CAMINHOS TRILHADOS PELAS MULHERES DO CAMPO

Para conhecermos melhor quem são as mulheres do campo e seus caminhos na educação de jovens e adultos, este tópico apoia-se em aportes teóricos que tratam da temática e influenciam na construção de um estudo amplo e significativo ao mesmo tempo complexo devido às singularidades que carrega. Assim, apresentamos alguns dados com base no IBGE (2007) seguidos de alguns apontamentos teóricos.

2.1 As Mulheres do Campo: Quem são Elas?

As mulheres do campo representam 48% da população desta área e desempenham um importante papel na agricultura familiar (BRASIL, 2015, p.3).

Elas são responsáveis, em grande parte, pela produção destinada ao autoconsumo familiar e pelas práticas agroecológicas e de reprodução de sementes crioulas, garantindo qualidade de vida na família e na sociedade e manejo ambiental adequado às unidades de produção familiares.

Nesta lógica de participação, as mulheres do campo também contribuem com o rendimento familiar. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BRASIL/IBGE, 2010, s/p) sobre “as mulheres residentes em áreas rurais, a contribuição monetária no rendimento familiar total foi ligeiramente maior (42, 4%) em comparação àquelas residentes em áreas urbanas (40,7%). E enquanto no Nordeste o valor chegou a 46,8%, no Centro-Oeste foi o mais baixo entre as regiões, de 37,8%”.

Esse espaço pertencente às mulheres possibilita muitas conquistas, em geral, por meio da introdução de políticas públicas, pelo movimento de mulheres camponesas³ no país e pelo reconhecimento significativo atribuído a estas como pessoas de direitos. “Tal reconhecimento vem se expressando, particularmente nos últimos anos, na elaboração de políticas públicas que respondem às suas demandas e na construção de espaços institucionais empenhados em garanti-las”. (AGUIAR, 2016, p. 261). São novos espaços conquistados que aos poucos ganham as percepções e a presença feminina.

³ A Marcha das Margaridas é uma ampla ação estratégica das mulheres do campo, da floresta e das águas, para conquistar visibilidade, reconhecimento social e político e cidadania plena. A Contag e suas parceiras realizaram a primeira Marcha das Margaridas, que reuniu em Brasília cerca de 20 mil mulheres trabalhadoras rurais, sob o lema da Marcha Mundial das Mulheres “Contra a Fome, Pobreza e Violência Sexista”. (BRASIL/CONTAG, 2014, p.3).

Beauvoir (1975, p. 114) já nos alertava há mais de 40 anos, que “o direito abstrato não basta para definir a situação concreta da mulher; esta depende em grande parte do papel econômico que representa”. Uma vez que mesmo assegurados em lei, muitos direitos das mulheres não são efetivados na prática, principalmente, pela hegemonia masculina fortemente encontrada nas famílias do meio rural.

Vale destacar, que diante dessa lógica historicamente instrumentalizada pelo patriarcado, as mulheres foram se constituindo, aprendendo a se reinventar no acesso à educação, ao trabalho, na aquisição de legitimidade junto à sociedade e aos parâmetros legais, bem como na ruptura do retrato sócio/histórico de inferiorização atribuído principalmente, às mulheres do campo brasileiro.

Por fim, essas mulheres passam a representar uma presença feminina em crescimento em todos os segmentos sociais, seja na educação, economia, política, ou na cultura, devido assumirem pelo constante processo de luta, diferentes tendências e projetos de vida ao longo da sua história.

2.2 Mulheres do Campo na Educação de Jovens e Adultos

Como já mencionado anteriormente, a mulher historicamente foi privada de ter acesso a vários espaços sociais, principalmente pela relação patriarcal que a invisibilizou em participar da educação, do trabalho (fora da casa), a frequentar e atuar em lugares antes, permeados por homens. Neste processo excludente, a mulher passou a ser educada para desempenhar unicamente habilidades que envolviam o lar e a educação dos filhos.

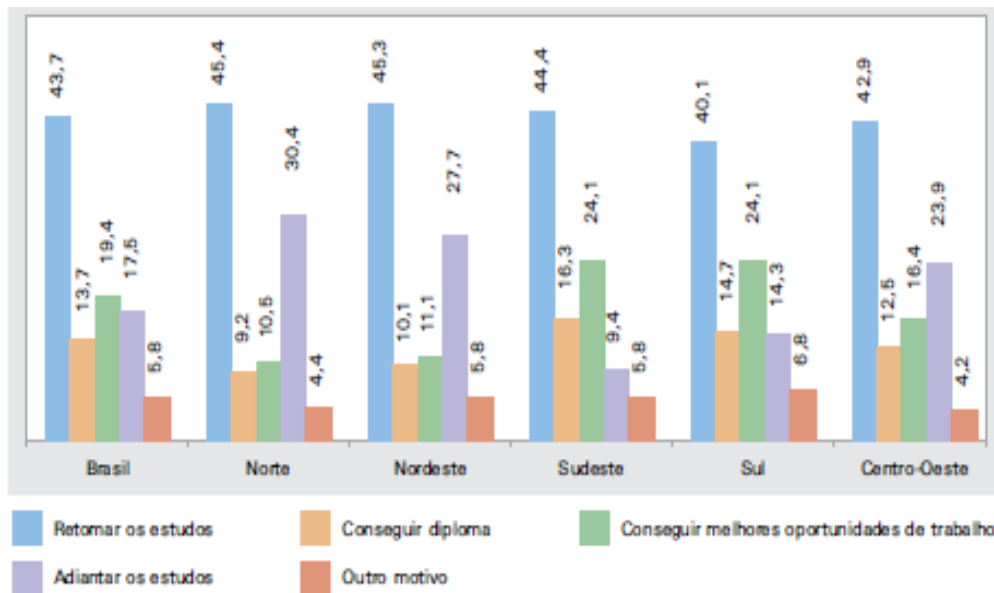
Por isso, no Brasil, a incorporação da mulher no sistema educacional brasileiro ocorreu de maneira recente. De acordo com Oro, Weschenfelder e Stecanela (2015, p.7) “somente nos últimos trinta anos que a mulher vem se beneficiando da lenta expansão e democratização do acesso à escola, que se principiou nas camadas mais altas da sociedade”. Enquanto que as mulheres das camadas pobres e do meio rural ocupavam funções envolvendo o trabalho doméstico e o cuidado com a agricultura familiar, sem visualização e prestígio social. Razão que condicionou ao longo do tempo o esquecimento, a marginalização e o pouco investimento em políticas públicas voltadas para atendimento a essas mulheres no que tange a educação, o trabalho e melhores condições de vida.

“Nesse cenário, a educação de jovens e adultos vem se consolidando como um importante espaço de superação da exclusão social daquelas que não tiveram oportunidade de acesso à escolarização na idade regular”. (ORO; WESCHENFELDER; STECANELA, 2015,

p. 8). Aí se inclui, portanto, as mulheres, as quais atualmente representam cerca de 53% em relação aos homens, 47% que frequentam o curso de educação de jovens e adultos. (BRASIL/IBGE, 2009).

Ainda de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a partir do levantamento realizado no ano de 2007 muitos estudantes da educação de jovens e adultos disseram que esta modalidade de ensino possibilita: Retornar os estudos (43,7%); conseguir melhores oportunidades de trabalho (19,4%); adiantar os estudos (17,5%) e conseguir diploma (13,7%). Como observamos no gráfico a baixo:

Gráfico 2 - Motivo para frequentar a EJA ao invés do ensino regular



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios em 2007.

Ao observar o gráfico 2, podemos afirmar que a EJA traz novas perspectivas para a população adulta, em especial, às mulheres que buscam a escolarização em prol de futuras melhorias nas condições educacionais, profissionais e na participação social. Por ser, talvez a modalidade educacional respaldada pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9.394/96, que mais possibilita a inserção de mulheres jovens, adultas e idosas na educação, a EJA carrega a responsabilidade de trazer elementos que constituem o relacionamento, a diversidade sociocultural, o respeito à identidade e a ampliação do conhecimento seja sobre a relação de qualificação, ou pela condição de igualdade e acesso a oportunidades e direitos, antes negados às mulheres, em especial as mulheres do campo.

2.3 Educação de Jovens e Adultos em Guanambi/BA

O município de Guanambi atende atualmente cerca de 1.806 alunos matriculados na educação de jovens e adultos nos ciclos do ensino fundamental e médio nas redes estaduais e municipais, urbanas e rurais presenciais. Como observamos na tabela 1.

Tabela 1 - Número de matrículas de alunos da Educação de Jovens e Adultos- Guanambi/BA/2017

EJA PRESENCIAL	FUNDAMENTAL	MÉDIO
Estadual Urbana	125	923
Estadual Rural	0	0
Municipal Urbana	743	0
Municipal Rural	15	0
Estadual e Municipal	883	923
TOTAL	883	923

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do INEP (2017).

De acordo com o Decreto nº 211 de 15 de julho de 2013, que aprova o Regimento Escolar Unificado para as Unidades Escolares da Rede Municipal de Ensino em Guanambi, a educação para jovens e adultos será oferecida nas Unidades Escolares com atividades distribuídas no calendário escolar de 200 dias letivos para oportunizar aos jovens e adultos em distorção idade/série o prosseguimento nos estudos, com um ensino presencial adequado às características e especificidades desta clientela. Sendo a idade mínima para o ingresso nos cursos de educação de jovens e adultos de 15 anos completos.

Ainda de acordo com o decreto em seu artigo 94, a educação para jovens e adultos está estruturada em dois estágios, o primeiro - EJA I correspondendo às etapas iniciais do Ensino Fundamental I (1º e 2º ano), e a EJA II correspondendo às etapas finais do Ensino Fundamental I (3º e 4º ano). No segundo estágio, configura a terceira e quarta etapas do Ensino Fundamental II, que equivale ao (6º e 7º ano) e ao (8º e 9º ano), respectivamente.

Concordamos com muitos estudiosos do campo da EJA que esta é para inúmeros estudantes, considerada como uma segunda oportunidade de concluir o ciclo da educação básica. Já que a grande maioria é oriunda de um processo educacional fragmentado, marcado por frequentes processos de evasão e reprovação no ensino. Muitos são os desafios enfrentados por essas pessoas e atualmente a conclusão do ensino médio mostra-se

indispensável para ingresso no mercado de trabalho. Nesse ponto de vista, a EJA deve oferecer uma educação que supere as necessidades de formação de seus sujeitos, para que possam se desenvolver como cidadãos críticos e reflexivos, exercendo sua cidadania, e evolua intelectual, social e politicamente na perspectiva da educação ao longo da vida.

De acordo com Costa *et al.* (2016, p. 04) o Plano Municipal de Educação do município de Guanambi,

frisa a importância de oferecer a EJA em instituições públicas de ensino, nos três turnos e buscando melhoria na infraestrutura das escolas. Há também no plano uma preocupação com os horários das aulas, uma vez que, por ser a maioria desses estudantes composta por trabalhadores e trabalhadoras, o cansaço físico proporciona o desânimo e, conseqüentemente, a desistência de grande parte dos alunos de EJA.

Nesse segmento, as metas e estratégias destinadas à educação de jovens e adultos assegura à população que não teve a oportunidade de concluir o ensino fundamental e médio na idade própria - acesso à educação, conforme assegura a Constituição Federal de 1988, ao determinar que a educação é um direito de todos, com alcance indiscriminado da oferta obrigatória e gratuita do ensino público estendido a toda população, “inclusive para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria”. (BRASIL, 1988, p. 43).

As reflexões apresentadas, neste sentido, envolvem a EJA como percurso trilhado pelas mulheres do campo no acesso ao espaço educacional, antes impossibilitado. Indica um contexto de reconstrução e participação em diversos segmentos da sociedade, no que configura a educação, o social, o trabalho, o acesso e a experiência em outros espaços, que não, apenas, o da casa. Possibilidades que rompem com o determinismo histórico e excludente da sociedade patriarcal, que restringiu principalmente as mulheres de baixa renda a socialização e a escolarização.

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS E *LOCUS* DA PESQUISA

Nesta seção são apresentados os procedimentos metodológicos que norteiam a pesquisa, bem como o local de investigação e as participantes do estudo. Na análise dos dados traçamos o perfil das mulheres que participaram da entrevista semiestruturada e descrevemos o processo de inserção na educação de jovens e adultos, bem como a experiência vivenciada neste contexto pelas mulheres do campo.

3.1 Abordagem de Pesquisa

Uma pesquisa de vínculos sociais exige muito mais que a apropriação de dados, configura um processo de construção a partir de uma realidade que não pode ser quantificada, porque requer uma sensibilidade, um olhar sobre as expressões e atividades humanas. “As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção na vida real, nela encontrando suas razões e seus objetivos” (MINAYO, 2012, p. 16). Essa nova perspectiva ajuda na escolha do procedimento metodológico da pesquisa, uma vez que, os estudos quantitativos já não são suficientes para compreender esse processo.

Por isso, a abordagem utilizada nesta investigação pauta-se na pesquisa qualitativa por aproximar-se do objeto de estudo em pauta. Para Gil (2008), ao contrário do que ocorre nas pesquisas experimentais e levantamentos em que os procedimentos analíticos podem ser definidos previamente, na pesquisa qualitativa não há fórmulas ou receitas predefinidas para orientar os pesquisadores. Esta ganha relevância no desenvolvimento de estudos que conduzem aos significados da realidade social, das manifestações da existência humana, na particularidade e subjetividade dos seus colaboradores. Nesse sentido, foi possível conhecer de perto a realidade, particularidades e subjetividades de algumas mulheres do campo inseridas na EJA, a partir dos relatos acerca das suas trajetórias e projetos de vida.

3.2 Cenário da Pesquisa

Criada pelo Decreto municipal nº 090/91 de 11 de dezembro de 1991, a escola Girassol⁴, lugar da pesquisa, oferecia apenas o ensino fundamental I e II. Entretanto, no ano

⁴ Todos os nomes utilizados na pesquisa tanto da escola, quanto das participantes são fictícios por questões éticas respeitando a identidade dos sujeitos participantes do estudo.

de 1994 passou a ofertar a modalidade de ensino médio com o curso de formação para o Magistério de 1ª a 4ª série, Técnico em Contabilidade e Técnico em Enfermagem. Estruturada com 13 salas de aula, uma sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE) e uma quadra para esportes coberta.

Atualmente a unidade escolar disponibiliza o ensino fundamental I e II nos turnos matutino e vespertino e a educação de jovens e adultos (EJA) no período noturno (Estágio I - 1º e 2º ano/Estágio II – 3º e 4º ano); EJA II- (Estágio I -5º e 6º ano/Estágio II -7º e 8º ano). Conta com 42 professores, oito serventes, três auxiliares administrativos, um diretor de escola, três vice-diretores e um Colegiado Escolar.

A escola, durante o processo de investigação contava com um total de 1.044 alunos matriculados, destes 201 são da EJA, de maneira que 46 cursavam o ensino fundamental I, sendo 29 homens e 17 mulheres; e 155 cursavam o ensino fundamental II, 85 homens e 70 mulheres⁵.

Situada no município de Guanambi/BA, a Escola Girassol oferece com mais nove escolas (sete municipais e duas estaduais), a modalidade de educação de jovens e adultos.

A opção por essa escola ocorreu a princípio, porque realizei durante o curso de graduação, estágio em uma turma de EJA na Instituição e por anos depois retornar à escola como professora do ensino Fundamental I e assumir uma disciplina na EJA. Outro fator que também contribuiu para a pesquisa na Instituição de Ensino tem haver com vínculo aqui construído, por observar mulheres jovens e adultas com uma trajetória de vida interrompida, no que diz respeito à escola e que hoje buscam e sonham em ler, escrever, concluir os estudos e arrumar um emprego melhor.

3.3 Instrumentos e Procedimentos da Pesquisa

Esta investigação, que tomou como objeto do estudo, analisar a trajetória e projetos de vida de mulheres do campo, inseridas na educação de jovens e adultos numa escola municipal de Guanambi/BA, utilizou mais de um instrumento para o tratamento de dados. Inicialmente, realizamos o levantamento em bancos de informações, a partir de documentos como o Projeto Político Pedagógico da escola (PPP), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96),

⁵ Observamos o quanto esse dado é importante para a questão de gênero, pois em um quantitativo de 201 alunos, apenas 87 são mulheres e, desse total apenas duas mulheres são do campo. Ao abordar as questões de gênero como elemento de análise e reflexão teórica, Oro, Weschenfelder e Stecanela (2015) com base nos estudos de Scott (1995) consideram que o conceito de gênero, passa a ser definindo como um elemento constitutivo de relações sociais e na forma primária de dar significado às relações de poder.

a Constituição Federal de 1988 e as diretrizes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), além de uma revisão de literatura do que já tem produzido sobre a temática nos últimos anos, em sites como o banco de teses e dissertações da Capes, *Google Acadêmico* e outros. Para Yin (2011, p.22) “a revisão de literatura promove uma definição clara do propósito do estudo em ação. É uma fase de pesquisa documental onde se faz a análise crítica de materiais públicos já elaborados por estudiosos da área”.

Em seguida, fizemos uso do questionário com os estudantes da educação de jovens e adultos matriculados na escola Municipal Girassol, essa etapa de aplicação do questionário foi fundamental na seleção das colaboradoras para participarem da entrevista semiestruturada. De acordo com Gewandsznajder, (2002, p. 3) utilizar mais de um procedimento e instrumento em uma pesquisa qualitativa é normal, já que “em ciência muitas vezes construímos um modelo simplificado do objeto do nosso estudo. Aos poucos, o modelo pode tornar-se mais complexo, passando a levar em conta um número maior de variáveis”.

Sendo assim, a organização e o tratamento dos dados deste estudo ocorreram nos períodos entre março a agosto de 2018.

Por meio do levantamento inicial, identificamos o número de 201 alunos/as matriculados/as na EJA, na escola pesquisada, no Ensino Fundamental I e II. Esta etapa serviu para identificar, a quantidade de mulheres do campo matriculadas na instituição e cursando a referida modalidade de ensino.

Logo depois, utilizamos o questionário devido à necessidade de saber quais as estudantes que residiam no campo, matriculadas na EJA. Segundo Gil (2008, p. 121), o questionário é visto “como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.”.

Ao considerarmos essas orientações, no mês de março de 2018, aplicamos o questionário (APÊNDICE A) com todos os/as estudantes matriculados/as na EJA, na escola Municipal Girassol. Como já dito, este instrumento serviu para identificarmos e selecionarmos as mulheres residentes no campo e que cursava a modalidade de ensino para a fase posterior da pesquisa, a entrevista semiestruturada. Foram identificadas apenas duas mulheres, as quais entrevistamos.

Na fase seguinte, procuramos as mulheres para a realização das entrevistas semiestruturadas, por entendermos que este instrumento mais aproximaria da nossa

investigação. Essa técnica é importante, pois possibilita uma liberdade maior aos participantes e a quem entrevista. Assim, Marconi e Lakatos (2011, p. 280) define a entrevista como:

Uma conversa oral entre duas pessoas, das quais uma delas é o entrevistador e a outra o entrevistado. O papel de ambos pode variar de acordo com o tipo de entrevista, todas elas têm um objetivo, ou seja, a obtenção de informações importantes e de compreender as perspectivas e experiências das pessoas entrevistadas.

Tendo em vista, a necessidade de analisar as trajetórias e projetos de vida de mulheres do campo, inseridas na educação de jovens e adultos numa escola municipal de Guanambi/BA, tornou-se necessário, sem dúvida, compreender as perspectivas e experiências dessas mulheres e por isso, o uso da entrevista se fez imprescindível, por ser bastante adequada para responder nossas inquietações sobre a temática, uma vez que nos permite a “obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes” (GIL, 2008, p. 109 *apud* SELLTIZ *et al.*, 1967, p. 273).

Para tanto, após concordância em participar da pesquisa por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelas participantes, organizamos, por meio da entrevista semiestruturada (APÊNDICE B), um roteiro com perguntas que versavam sobre os projetos e trajetórias de vida de mulheres do campo estudantes da EJA, nesta situação, foram tratados assuntos como (nome, idade, local de moradia dos estudantes, religião, cor, estado civil, escolarização dos pais, irmãos...). O acesso a EJA (como ficou sabendo da EJA e o incentivo a continuar os estudos) e por fim, a experiência no curso (dificuldades enfrentadas, preconceitos, a relação com colegas e professores e mudanças como estudante da EJA).

Aspectos consideráveis, uma vez que a complexidade do tema constitui a necessidade de um trabalho significativo, com olhar reflexivo relativo à condição de marginalização em que foram submetidas às mulheres do campo brasileiro e que atualmente, por meio de lutas começam a conquistar espaços na educação e na visualização social.

3.4 Participantes da Pesquisa

Como esta pesquisa buscou analisar a trajetória e projetos de vida de mulheres do campo, inseridas na EJA numa escola municipal de Guanambi/BA, optamos por selecionar

para participar como colaboradoras desta investigação, mulheres estudantes da EJA, que época da pesquisa, residiam no campo.

Deste modo, a partir do questionário aplicado aos 201 alunos matriculados na EJA na instituição de ensino pesquisada, identificamos duas mulheres que cursavam o ensino fundamental II, é importante informarmos que, antes mesmo da aplicação do questionário fizemos um levantamento no censo escolar, para sabermos se haviam estudantes do campo cursando a referida modalidade de ensino, neste momento também identificamos quatro mulheres, entretanto, apenas duas estavam frequentando assiduamente no período da pesquisa.

Posto isso, esta pesquisa tem como participantes apenas duas mulheres, sendo uma com idade de 20 anos e a outra com 46 anos, ambas residentes no campo.

Assim, como determina a ética na pesquisa, optamos em atribuir às duas participantes desta investigação, bem como a escola *locus* do estudo, nomes que caracterizam aspectos vinculados ao campo e as lutas de mulheres camponesas. Portanto, para a escola escolhemos o nome de Girassol, o que se justifica por ser o símbolo da Educação do Campo, pois assim como esta flor, o trabalhador do campo também se orienta pelo sol, seus saberes locais e intergeracionais, estão arraigados de conhecimentos em torno de sua relação com a natureza. Já para as mulheres entrevistadas, optamos em chamá-las com nomes que representam o movimento de mulheres em nosso país, a saber: Camponesa e Margarida. Esses nomes, buscam lembrar a história e luta de muitas mulheres camponesas como, por exemplo, Margarida Maria Alves, uma das primeiras mulheres a exercer um cargo de direção sindical no país.

A opção de não divulgar o nome das participantes e do campo de estudo é considerada, no sentido de evitar futuros constrangimentos às interlocutoras do estudo, uma vez que:

As atividades de pesquisa envolvendo seres humanos não deveriam ser somente fidedignas cientificamente, mas também justificadas histórica e socialmente, isto é, moralmente aceitas, a fim de assegurar o mais alto padrão científico e moral alcançável. Não se pode aceitar a utilização de um ser humano como mero meio exploratório de investigação sem a preocupação com o seu bem-estar e com a sua dignidade humana. (LIMA; MALACARNE, 2009, p. 183).

Nesta perspectiva, ao falarmos das trajetórias e projetos de vida de mulheres do campo inseridas na educação de jovens e adultos devemos considerar sua subjetividade, ao mesmo tempo sua inserção como grupo social, levando-se em conta as relações assim constituídas,

portanto, a compreensão de uma investigação pautada na responsabilidade social e ética, no que diz respeito ao que se propõe pesquisar e aos personagens que constroem o estudo.

3. 5 Análise dos Dados

Após a coleta dos dados por meio do questionário e da entrevista semiestruturada, a organização e análise dos dados pautou-se na ideia de Gil (2008, p.125),

O processo de análise dos dados envolve diversos procedimentos: codificação das respostas, tabulação dos dados e cálculos estatísticos. Após, ou juntamente com a análise, pode ocorrer também a interpretação dos dados, que consiste, fundamentalmente, em estabelecer a ligação entre os resultados obtidos com outros já conhecidos, quer sejam derivados de teorias, quer sejam de estudos realizados anteriormente.

Nessa perspectiva, as informações coletadas a partir da utilização dos instrumentos acima descritos, fundamentaram-se na análise de conteúdo proposta por Bardin (2004).

A análise de conteúdo apresenta as seguintes etapas no seu processamento:

- 1) *Pré-análise*: nesta etapa, o pesquisador vai realizar a "escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final";
- 2) *Descrição analítica*: o material é submetido a um estudo aprofundado orientado pelas hipóteses e pelo referencial teórico. Procedimentos como a codificação, a categorização e a classificação são básicos nesta fase. Buscam-se sínteses coincidentes e divergentes de ideias;
- 3) *Interpretação referencial*: a reflexão, a intuição com embasamento nos materiais empíricos estabelecem relações, aprofundando as conexões das ideias. (AUGUSTO *et al.*, 2013, p. 751 *apud* BARDIN, 2004).

Assim, na fase de análise de dados o pesquisador aprofunda seu estudo, através de procedimentos sistemáticos e alcança a interpretação do material submetido ao estudo, esse movimento constitui em observar informações que respondam as questões levantadas, bem como dê significado aos objetivos propostos na pesquisa.

Para tanto, organizamos nossa análise de dados em duas categorias que objetivam responder nossas inquietações com base nos objetivos elencados. Nessas condições, apresentamos as trajetórias e projetos de vida de mulheres do campo na EJA, para isso a primeira categoria buscou traçar o perfil dessas mulheres (Margarida e Camponesa), em seguida, discorreremos sobre o acesso e a experiência na EJA, e descreveremos as trajetórias e projetos de vida das mulheres do campo, inseridas na EJA numa escola municipal de Guanambi/BA.

4. TRAJETÓRIAS E PROJETOS DE VIDA DE MULHERES DO CAMPO NA EJA

Subdividida em duas seções, esta seção objetiva traçar o perfil das colaboradoras do estudo, analisar aspectos das trajetórias e projetos de mulheres do campo, estudantes da EJA. Trajetória essa, que por diversas questões da vida cotidiana conduziram a interrupção dos estudos.

4.1 Perfil das Mulheres do Campo Matriculadas na EJA em uma Escola Municipal de Guanambi/BA

Prado e Reis (2012), ao realizarem um levantamento com alunos e professores da rede pública do município de Guanambi/BA, constataram alguns fatores que corroboram para que jovens e adultos procurem a EJA. De acordo com as autoras, muitos estudantes retomam os estudos com o desejo de finalizarem a educação básica e “pela procura de certificação escolar para a disputa de trabalho no mercado atual”. (PRADO; REIS, 2012, p. 3).

Para Cruz (2016, p.81), “é inegável a existência de uma série de questões da vida cotidiana que podem contribuir com a interrupção da escolarização”. Entre elas, pontuamos a submissão ao mundo do trabalho, a nucleação de escolas no meio rural, o analfabetismo e a relação de “domínio e humilhação estabelecida entre as elites e as classes populares, onde a separação entre a elite brasileira e as classes populares são claramente definidas”. (VEIGA, 2017, p.15).

No caso do município de Guanambi, por exemplo, a questão do/a educando/a do campo matriculado/a na EJA é ainda agravada pela necessidade de deslocamento para a sede, uma vez que o município sofreu no ano de 2005 o processo de nucleação de todas as escolas presentes no meio rural, obrigando conseqüentemente, todos os estudantes da educação básica a virem para a cidade.

Além desse fator, a escola no meio urbano que trabalha com a modalidade de ensino, não contempla em sua organização pedagógica aspectos do campo especificamente, uma vez que recebe muitos educandos oriundos desse espaço. Contudo, toda organização do projeto político pedagógico, por exemplo, perpassa o/a educando/a no contexto geral, a iniciativa da instituição é promover a todos (educandos do campo e da cidade) condições de aprendizagens iguais, como observamos na descrição do documento.

O fazer pedagógico e as suas relações com o currículo, com conhecimento e com a função social da escola, obrigam a um pensar e uma reflexão contínua de todos os envolvidos neste processo, buscando garantir condições para que todos os alunos desenvolvam suas capacidades e aprendam os conteúdos necessários para viver em sociedade como sujeitos autônomos, críticos e criativos, capazes de intervir em sua realidade social de forma competente, responsável e ética. Desta forma a nossa escola deve gerar uma forte relação com os contextos e a comunidade em que está inserida; reconhecer autonomia dos professores como agentes ativos na configuração do currículo; propiciar formas para que o aluno compreenda a sua importância no seu meio social. (Projeto Político Pedagógico da escola, 2017).

Nesta lógica, Silva (2011) afirma que, a escola deve servir de ferramenta para a conquista social, e contemplar os aspectos vinculados ao público que atende. “Para tanto é relevante que ela respeite a especificidade, o direito dos povos do campo de terem sua cultura, sua identidade, que ajude esses sujeitos a se perceberem como oprimidos e lutar para transformação dessa realidade”. (SILVA, 2011, p. 52).

Do mesmo modo, Veiga (2017, p.4) acrescenta que os alunos que frequentam a EJA, possuem particularidades, que necessitam ser entendidas como uma escolarização diferente do que ocorre em turmas regulares. “Esses estudantes não são indivíduos sem história e sem conhecimento algum, eles trazem consigo as vitórias e frustrações de anos de vida que precisam ser levados em conta”.

Assim, a imersão no contexto da pesquisa e o contato com os dados levantados, possibilitaram conhecer um pouco da trajetória e projetos de vida das mulheres colaboradoras do estudo, por isso, elaboramos um quadro para dispor um pouco sobre o perfil dessas mulheres, conforme demonstra na tabela que segue.

Tabela 2- Perfil das Colaboradoras

Identificação	Camponesa	Margarida
Renda	Menos de um salário	Um salário mínimo e meio
Cor	Parda	Parda
Estado civil	Solteira	Viúva
Local de moradia	Campo	Campo
Idade	20 anos	46 anos
Religião	Católica	Católica
Filhos	Não possui	Duas filhas
Formação dos Pais	Pais não alfabetizados	Pais não alfabetizados

Fonte: Construído pela pesquisadora com base nos dados do questionário.

Como mencionado anteriormente, foram identificadas apenas duas mulheres residentes no campo, cursando a educação de jovens e adultos na escola investigada.

Ao analisarmos a tabela anterior, observamos uma diferença na idade das colaboradoras, uma com 20 anos e a outra com 46 anos, concluímos que a EJA passa a ser opção também do público mais jovem, que muitas vezes necessita trabalhar durante todo o dia e não consegue conciliar o estudo.

A participação das mulheres na EJA a título nacional é de 2% para o público com idades entre 15 a 17 anos, enquanto que o grupo entre 40 e 46 anos de idade acumulam o percentual de 2,2% com base em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BRASIL/IBGE, 2009), diferença até então pequena se considerarmos o perfil histórico da EJA no país.

Quanto ao estado civil, Margarida declarou ser viúva, apresentando uma renda estimada entre um salário mínimo e meio. Possui duas filhas, suas maiores incentivadoras, que atualmente moram na cidade, depois que se casaram. Observamos aqui, o papel desenvolvido pela rede de sociabilidade, que influência na condição de permanência das mulheres estudantes da EJA na escola, portanto, o vínculo familiar, os amigos, o gostar dos professores e pela condição exigida para manter ou conseguir um emprego, entre outros.

Situação vivenciada por Margarida, pois além do incentivo das filhas, ela, para ter acesso à escola, fica durante a semana na cidade para cuidar dos netos e nos finais de semana vai para sua casa na zona rural, lugar do qual ela gosta muito.

Margarida sempre teve vontade de voltar a estudar, sonho deixado de lado por conta do trabalho na roça para ajudar os pais. Situação também muito próxima da realidade de Camponesa, uma vez que, mesmo com apenas 20 anos de idade teve que desistir da escola por duas vezes. Primeiro devido à necessidade de vir para a cidade estudar. De acordo com Marques (2017, p.3), “praticamente todos os jovens da roça no Brasil precisam sair das suas comunidades para fazer o Ensino Médio, já que 92% deles utilizam o transporte escolar para ir à escola.”. Logo depois, teve que mais uma vez abandonar a escola, pois necessitava trabalhar para ajudar a família.

Camponesa relatou ser solteira e não possuir filhos. Reside no meio rural de Guanambi e vem de ônibus com seus irmãos para estudar. Seus pais nunca frequentaram a escola, motivo que segundo ela, tem a ver com a necessidade de trabalhar desde que eram crianças. Quanto à renda da estudante, equivale a menos de um salário mínimo. A condição revelada por Camponesa assemelha-se a realidade de muitos jovens e adultos brasileiros.

Segundo o Parecer sobre os Referenciais Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e adultos.

Este sentido da EJA é uma promessa a ser realizada na conquista de conhecimentos até então obstaculizados por uma sociedade [...]. Muitos jovens ainda não empregados, desempregados, empregados em ocupações precárias e vacilantes podem encontrar nos espaços e tempos da EJA, seja nas funções de reparação e de equalização, seja na função qualificadora, um lugar de melhor capacitação para o mundo do trabalho e para a atribuição de significados às experiências socioculturais trazidas por eles (BRASIL, 2000, p. 11).

A partir do que pontuou o documento acima citado, questionamos em que medida a EJA assume função formativa do sujeito integral, capacitado para o mundo do trabalho considerando suas singularidades e experiências socioculturais? Uma vez que, ao debater questões sobre essa temática, aprofundamos nosso olhar para a representação e importância da EJA na trajetória de Camponesa e Margarida, pela função que essa modalidade exerce ou possa exercer em suas vidas.

Assim, em resposta ao que se propõe neste tópico, Soares (2005, p. 127) afirma que:

As discussões sobre a Educação de Jovens e Adultos têm priorizado a necessidade de se estabelecer um perfil mais aprofundado do aluno; a tomada da realidade em que está inserido como ponto de partida das ações pedagógicas; o repensar de currículos, com metodologias e materiais didáticos adequados às suas necessidades; e, finalmente, a formação de professores condizente com a sua especificidade.

Essas discussões vêm dar legitimidade a EJA, feitos que possibilitam debater ações positivas a partir da realidade de pessoas jovens, adultas e idosas, que sejam condizentes com a organização do currículo e o repensar do trabalho pedagógico a ser desenvolvido na sala de aula com esse público. Por isso, é necessário que as discussões e os aparatos legais constituídos se materializem no chão das escolas, mais especificamente no cotidiano das turmas da EJA.

4.2 Mulheres do Campo: do acesso à experiência na Educação de Jovens e Adultos

“Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é poder contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida.”

Walter Benjamin

Como exposto na citação de Walter Benjamin, narrar histórias é dom de contar sua vida, ou a vida de outrem como nesta pesquisa. Assim, neste tópico percorreremos a trajetória de vida de mulheres do campo, personagens que muitas vezes tiveram que desistir da

educação, para suprir demandas do cotidiano familiar, do trabalho e da dificuldade de acesso à escola. São trajetórias que percorrem os impedimentos, as frustrações, os sonhos e o aprendizado. Quase como em uma linha de acontecimentos podemos descrever dessa maneira, o percurso desde o acesso à experiência de mulheres do campo na educação de jovens e adultos.

Nesse recomeço, as mulheres passam por dificuldades que percorreram o difícil acesso à escola, pela incompatibilidade de horários, além do fato de ficar pouco tempo com os filhos e o cansaço físico por conta da jornada de trabalho.

- Eu sempre tive muita vontade de voltar a estudar. Não podia estudar porque tinha de trabalhar na roça para ajudar meus pais. E agora minhas filhas que me incentivaram, por ser uma forma de estar mais presente com elas e meus netos e também me distrair, porque depois que fiquei viúva ficou muito difícil para mim. (Margarida, 46 anos. Entrevista/julho/2018).

- Vim estudar em Guanambi quando tinha sete anos, ficava na casa de uns parentes aqui na cidade. Ajudava eles nos serviços da casa, ajudava olhar meus primos e estudava. Só que não deu certo ficar aqui mais dessa forma, senti saudades da minha mãe, então fiquei só uns seis meses aqui e já voltei para roça para casa dos meus pais, e tive que parar aquele ano de estudar. No outro ano eu já vinha da roça para cá para estudar. Depois disso, parei de estudar por uns anos, porque trabalhava na roça ajudando minha família, e ficava puxado para vir para a escola... Aí esse ano umas colegas que já vem no ônibus para outra escola que chamaram para estudar, pois na EJA podia adiantar os estudos. (Camponesa, 20 anos. Entrevista/julho/2018).

As mulheres do campo desde muito cedo assumem atividades que na maioria das vezes as impedem de darem continuidade aos seus projetos de vida, em especial aqueles vinculados à escolarização. Além disso, assumem muitas tarefas da família, uma vez que estas sobrevivem da agricultura familiar e do trabalho coletivo com todos os membros da família (MARQUES, 2017).

Além disso, muitas meninas do campo são obrigadas a virem para a cidade para continuarem os estudos, como a maioria dessas, não podem contar com a ajuda financeira da família para se manterem na cidade e estudarem, vão para casas de parentes e ajudam no serviço doméstico como observamos na fala de Camponesa. *“Como eu devia obrigação aos meus parentes, porque ficava em suas casas para estudar, ajudava nos serviços da casa, cuidar dos seus filhos, etc.”.*

Deste modo, Zago (2016, p. 73) nos acrescenta que:

A literatura consultada que aborda as transformações sociais no campo sinaliza um movimento migratório do rural para o urbano mais acentuado

entre as moças que entre os rapazes, enquanto os últimos manifestam um interesse maior que elas em permanecer na agricultura. Conforme referências indicadas neste texto, essa migração seletiva dos jovens tem como consequência dois fenômenos relacionados: a permanência de uma população mais idosa no campo e o celibato masculino.

Acreditamos que no caso de Camponesa, a decisão de vir para a cidade perpassa pela condição de ser moradora do campo e não ter próximo de sua localidade escolas para recebê-la. Dificuldades históricas, de acesso à educação e à garantia de direitos sociais.

Aspectos que contradizem com garantias estabelecidas, se compreendido que, em âmbito nacional, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.394/96, a oferta de educação deve ser oferecida próxima à residência. Realidade instrumentalizada por políticas, que agem na contramão de garantias já estabelecidas e desconsideram que o fechamento de escolas no campo é crime, como estabelecido pela lei 12.960, sancionada em 2014⁶. É o caso, por exemplo, do município de Guanambi/BA que instituiu o fechamento de 103 escolas localizadas no meio rural com o processo de nucleação ocorrido a partir do ano 2005.

Nesse sentido, ao indagarmos às participantes da pesquisa sobre a saída ou não do campo para darem continuidade aos estudos, elas responderam:

- Quando pequena morei aqui na casa de parentes para estudar, mas não dá certo. Aí eu continuo morando com meus pais na roça. É difícil trabalhar o dia todo e a noite vir para a escola, ter que esperar o ônibus, chegar tarde em casa. Mas também, não ando muito para pegar o ônibus. O que é bom que minhas vizinhas vêm também, então anima. (Camponesa, 20 anos. Entrevista/julho/2018).

- Durante a semana fico na casa de minhas filhas, aqui na cidade, e nos finais de semana volto para a zona rural. Estou cansada, mas estou aqui. Tem que ter vontade mesmo. (Margarida, 46 anos. Entrevista/julho/2018).

Percebemos que mesmo diante das dificuldades de chegarem à escola, como o cansaço do dia de trabalho e da viagem de ônibus até a escola, as mulheres demonstram perseverança. Para Camponesa, essa necessidade perpassa pelo desejo de alcançar oportunidades que a seu vê, só com o estudo se pode alcançar.

- Meus pais não tiveram oportunidade de estudar... mas eles querem que eu estude sim. Meus irmãos vêm estudar pela manhã e preciso arrumar um

⁶ Sancionada pela então presidenta Dilma Rousseff, a Lei 12.960 de 2014 altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei 9.394 de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, “para fazer constar a exigência de manifestação de órgão normativo do sistema de ensino para o fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas”. (BRASIL, 2014, p.1).

emprego, pra encontrar emprego tem que estudar. (Camponesa, 20 anos. Entrevista/julho/2018).

Essa expectativa em muitos casos é determinada pela necessidade do trabalho, para contribuir com a renda familiar.

Com outra visão do que a escola pode proporcionar, Margarida relata:

- Estou sentindo melhor, os estudos distraem mais a cabeça da gente... Estou aprendendo a ler, escrever mensagens para minhas filhas no celular. Não me sinto uma pessoa tão velha, me sinto mais nova pela convivência com as pessoas mais novas. (Margarida, 46 anos. Entrevista/julho/2018).

Para ela, as principais motivações do retorno à escola surgem da necessidade de aprender a ler e a escrever, demonstrando que a escolarização neste sentido, pode de certa forma incluí-la no contexto social, observamos que ela destaca que essa oportunidade de estudar na EJA, possibilita o encontro com grupos de faixas etárias menores ou iguais ao dela, fator que ela considera positivo, talvez pela troca de experiências e vivências. Como também destaca a possibilidade de utilizar novos recursos tecnológicos para conversar com as filhas.

Segundo Andrade (2008, p. 6):

Se, antes, o lugar da mulher era em casa, para cuidar de afazeres domésticos e das crianças, hoje o lugar da mulher também é na escola, mas não com o objetivo primeiro, ou não só com o objetivo de promover a profissionalização feminina para competir com os homens no mercado de trabalho dentro de uma maior equidade. Um dos objetivos da educação feminina (principalmente da mulher pobre), para as mais diferentes instâncias, é preparar/educar/ensinar a mulher a cuidar mais e melhor da família e dos/as filhos/as.

Para Margarida e Camponesa estar na educação de jovens e adultos, evidencia efeitos positivos que a EJA proporciona nas suas vidas. O que justifica, talvez, pelo sentido que elas atribuem a EJA, pela representação de um espaço em que os efeitos da exclusão são minimizados, com novas oportunidades e caminhos a trilharem. Com o olhar de possibilidade para o aumento da renda e da qualificação profissional e a inserção nos espaços de socialização que se ampliam à medida que refletem numa nova visão de mundo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria Mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida

Milton Nascimento

As reflexões apresentadas neste trabalho surgem a partir da necessidade de conhecer quem são as mulheres do campo que estudam na educação de jovens e adultos e as interrupções que tiveram durante o processo de escolarização. Condição de muitas Marias, Camponesas e Margaridas, que vivem no campo e carregam a marca da dor e da alegria, como nos canta Milton Nascimento. São mulheres que desde cedo tiveram que fazer escolhas difíceis em suas vidas, situação em que a escola foi ficando para depois, no tempo futuro.

As mulheres do campo muitas vezes, são parte de uma trajetória histórica marcada pelas interrupções dos projetos de vida vinculados à escolarização. Por isso, nesta pesquisa, objetivamos compreender a trajetória e projetos de vida das mulheres do campo inseridas na EJA.

Observamos a título nacional que as pesquisas referentes às mulheres quanto à educação, violência, questões de gênero tem aumentado nos últimos anos, entretanto, poucos estudos se dedicam a investigar a mulher do campo estudante da educação de jovens e adultos, fator que também nos motivou a conhecer mais sobre esse campo cheio de singularidades e complexidades. Envolve história de vida, bem como relevância social.

Nesse sentido, pela exigência do tema e da reflexão dos fenômenos que o compõem, utilizamos a abordagem qualitativa, por meio da análise do Projeto Político Pedagógico da escola, da aplicação do questionário e da entrevista semiestruturada realizada com as participantes construtoras desta pesquisa.

Para tanto, apresentamos em dois tópicos os referenciais teóricos que deram suporte para nortear a pesquisa, no que diz respeito ao conhecimento acerca das mulheres do campo e os caminhos trilhados por elas na educação de jovens e adultos.

Já no campo dos resultados, buscamos por meio do perfil das mulheres do campo conhecer quem são as mulheres matriculadas em uma escola regular do município de Guanambi-BA, bem como as trajetórias e projetos de vida dessas mulheres, inseridas na modalidade de ensino, no que configura aspectos que vão do acesso à experiência na educação de jovens e adultos.

Os resultados apresentados põem em destaque, uma realidade que traz a marca histórica das desigualdades educacionais, institucionalizada ao longo do tempo, pela ilegal ação de fechar escolas no meio rural, conseqüentemente, pela obrigatoriedade de serem remanejados para as escolas da cidade, e por muitas vezes desistirem por falta de transporte escolar, por não serem considerados, na escola, as relações cotidianas das quais fazem parte ou pela necessidade de trabalhar. Por isso, Arroyo (2005, p. 22) afirma que os alunos da EJA são “jovens e adultos com rosto, com histórias, com cor, com trajetórias sócio-étnico-racial, do campo, da periferia”. São mulheres que enxergam na EJA, assim como Margarida e Camponesa, a representação de mudança, a continuação de seus projetos de vida, agora possíveis, pelos efeitos positivos adquiridos durante essa fase de escolarização, pela possibilidade de inserção profissional e social a espaços onde antes não poderiam adentrar.

Diante disso, consideramos necessária a organização pedagógica que contemple a realidade dos alunos, na reflexão contínua do currículo e na construção do conhecimento. Uma educação direcionada para o desenvolvimento crítico, social e reflexivo, que parte do meio para o todo.

Assim sendo, ainda se fazem necessárias outras investigações sobre as mulheres do campo na educação de jovens e adultos. Neste caso, justifica-se a importância deste trabalho e do estudo sobre o acesso e a experiência destas mulheres, a partir do olhar destas, no contexto da educação de jovens e adultos. Assim, acreditamos que este estudo venha contribuir para novas pesquisas no que diz respeito à temática, como também, o reconhecimento da importância desse debate e da proposição de melhorias no campo da EJA, para sujeitos do campo, em especial as mulheres camponesas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sandra dos Santos. Juventude, Processos de Escolarização e Maternidade. **Anais do Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, ago. 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST58/Sandra_dos_Santos_Andrade_58.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2018.

ARROYO, Miguel Gonzales. A Educação de Jovens e Adultos em Tempos de Exclusão. In: **Construção coletiva: Contribuições à Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

AUGUSTO, Cleiciele Albuquerque *et al.* Pesquisa Qualitativa: Rigor Metodológico no Tratamento da Teoria dos Custos de Transação em Artigos Apresentados nos Congressos da Sober (2007-2011). **Rev. Econ. Sociol. Rural**. Brasília, vol.51, n. 4, out/dez, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20032013000400007>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

AGUIAR, Vilenia Venancio Porto. Mulheres Rurais, Movimento Social e Participação: Reflexões a partir da Marcha das Margaridas. **Política & Sociedade**. Florianópolis, vol. 15, Edição Especial, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2016v15nesp1p261>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. São Paulo: DIFEL, 1975.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Brasília, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 25 abr. 2018.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica - Educação de Jovens e Adultos (EJA)**. Brasília, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 24 jul. 2018.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Aspectos Complementares da Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional 2007**. Rio de Janeiro, 2009.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Estatística de Gênero mostram como as mulheres vêm ganhando espaço na realidade socioeconômica do país. **Censo 2010**. 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=1&idnoticia=2747&t=estatisticas-genero-mostram-como-mulheres-vem-ganhando-espaco-realidade-socioeconomica-pais&view=noticia>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo escolar 2016 Notas Estatísticas**. Brasília, 2017. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/nota_s_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf>. Acesso em: 03 set. 2018.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Lei nº 9.394 de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 5. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

_____. **Lei nº 12.960**, de 27 de março de 2014. Dispõem sobre o Fechamento das Escolas do Campo, Indígenas e Quilombolas. Brasília, 2014

_____. Secretaria de Mulheres Trabalhadoras Rurais - Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG). **Marcha das Margaridas**: Projeto para a Captação de Recursos. Brasília, 2014. Disponível em: <http://www.contag.org.br/sistemas/doacao/public/pdf/projeto_captacao_recursos_marcha_2015.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2018.

_____. **Políticas Públicas para Mulheres Rurais no Brasil**. Brasília. 2015. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/ceazinepdf/POLITICAS_PUBLICAS_PARA_MULHERES_RURAIIS_NO_BRASIL.pdf>. Acesso em: 02 set. 2018.

_____. **Parecer nº 11/2000**. Referenciais Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos. Brasília, 2000.

COSTA, *et al.* Educação de Jovens e Adultos: Diálogo sobre o Cenário da EJA em três Municípios do Sertão Produtivo. Anais da XVII **Semana Acadêmica de Ensino, Pesquisa e Extensão – Universidade e Comunidade**: em busca da transformação social v.1, n. 1, 2016. Disponível em: <http://www.uneb.br/saepe/files/2016/01/20160028.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2018.

CRUZ, Neilton Castro da. **“Esse ambiente não é para todo mundo”**: As Condições de Inserção e de Permanência de Egressos/as da EJA no Ensino Superior Público. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação “Conhecimento e Inclusão Social em Educação” da Faculdade de Educação (FaE), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2016.

GEWANDSZNAJDER, Fernando. O Método nas Ciências Naturais. In: ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando (Org.). **O Método nas Ciências Naturais e Sociais**: Pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. Pioneira Thomson: São Paulo, 2002, p. 3-9.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUANAMBI. **Decreto nº 211 de 15 de julho de 2013**. Regimento Escolar Unificado para as Unidades Escolares da Rede Municipal de Ensino em Guanambi. Disponível em: <<http://www.guanambi.ba.gov.br/arquivos/104758201321091.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2018.

_____. **Projeto Político Pedagógico da Escola (PPP)**. Colégio Municipal Prof.^a Josefina Teixeira de Azevedo. Guanambi, BA, 2017.

LIMA, Dartel Ferrari de; MALACARNE, Vilmar. **Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos**: Reflexões a partir das Experiências da UNIOESTE – Ciência e Educação. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.11, n.2, p.175-205, jul./dez. 2009. Disponível em: <<file:///C:/Users/user/Downloads/922-977-1-PB.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

MACHADO, Maria Margarida. A Educação de Jovens e Adultos no Século XXI - da Alfabetização a Educação Profissional. **Revista Interação**, Goiânia, v. 36, p. 393-412, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/16713>. Acesso em: 21 jun. 2018.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARQUES, Tatyane Gomes. “Pensa aí, uma negra, pobre, do interior dos interiores que decidiu estudar [...]”: Reflexões sobre o Perfil e as Condições de Acesso ao Ensino Superior de Jovens Mulheres da Roça. **REUNIÃO NACIONAL (ANPEd)**, 38., São Luís, 2017.

Disponível em:

<http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT03_479.pdf>. Acesso em: 26 out. 2017.

MATOS, Mirian Bezerra de. **Jovens do Campo e Educação Superior**: Um Estudo sobre o Acesso e Permanência na Universidade Pública. Monografia (Graduação em Pedagogia) pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus XII*. Guanambi, BA, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social: ciência e cientificidade. In: _____. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 31. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

ORO, Amina Ciandra; WESCHENFELDER, Rosa Cristiana S.; STECANELA, Nilda.

Mulheres e EJA: O que Elas Buscam? 2015. Disponível em:

<<https://www.upplay.com.br/restrito/nepso2010/pdf/artigos/caxias/Artigo%20Mulheres%20e%20EJA%20-%20o%20que%20elas%20buscam.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2018.

PRADO, Di Paula Ferreira; REIS, Sônia Maria Alves De Oliveira. Educação de Jovens e Adultos: O que Revelam os Sujeitos? **XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino** - UNICAMP – Campinas: Junqueira&Marin Editores, 2012. Disponível em:

<http://www.infoteca.inf.br/endipec/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acer vo/docs/3479p.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2018.

SILVA, Priscila Teixeira da. **Entre a Escola e o Canavial**: Educação Escolar na Visão de Jovens Cortadores de Cana. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Educação - *Campus XII*, Guanambi, 2011.

SOARES, Leoncio. (Org.). **Aprendendo com a Diferença**: estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VEIGA, Luciana Lima de Albuquerque da. **A Educação de Jovens e Adultos**: Histórico, Panorama e Proposta de Intervenção Pedagógica por meio do Lúdico. Dissertação (Mestrado Educação em Ciências e Matemática) – Pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, RJ, 2017.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: Planejamento e Métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.

ZAGO, Nadir. Migração Rural-Urbana, Juventude e Ensino Superior. **Revista Brasileira de Educação**. Chapecó, SC, v. 21 n. 64 jan./mar. 2016. Disponível em:<
<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v21n64/1413-2478-rbedu-21-64-0061.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

APÊNDICES

APÊNDICES A



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – *CAMPUS XII GUANAMBI-BA*
 Pós-graduação *Lato Sensu* em Educação do Campo
 ORIENTADORA: FÁTIMA
 ESTUDANTE: ELISANGELA

TRAJETÓRIAS E PROJETOS DE VIDA: MULHERES DO CAMPO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NUMA ESCOLA DE GUANAMBI/BA

QUESTIONÁRIO

Este questionário tem como objetivo traçar o perfil dos sujeitos da EJA selecionar as mulheres do campo, estudantes da EJA para a realização da entrevista semiestruturada

Nome: _____

Idade: _____ Sexo: _____ Estado civil: _____

Tem filhos? () SIM () NÃO Se sim, quantos? _____

Seu endereço: Campo: () Cidade: ()

E-mail: _____

Pertencimento étnico. Em relação a sua cor, como você se declara?

() Amarelo/a () Branco/a () Indígena () Pardo/a () Preto/a () Outro _____

Trabalha? () SIM () NÃO

Em que? _____

Renda familiar mensal: _____

APÊNDICES B



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – *CAMPUS XII GUANAMBI-BA*
 Pós-graduação *Lato Sensu* em Educação do Campo
 ORIENTADORA: FÁTIMA
 ESTUDANTE: ELISANGELA

TRAJETÓRIAS E PROJETOS DE VIDA DE MULHERES DO CAMPO INSERIDAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NUMA ESCOLA DE GUANAMBI/BA

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Fale-me sobre você.

(nome, idade, local de moradia dos estudantes, religião, cor, estado civil, escolarização dos pais, irmãos...)

2. Quero que me narre como foi que você fez para ter acesso EJA.

2.1 Seu primeiro contato com a escola foi no campo ou na cidade?

2.2 Como ficou sabendo da EJA? Quem te incentivou a continuar os estudos?

2.3 Teve/tem apoio da família para continuar os estudos?

3. E depois, quando entrou na EJA, como está sendo esta experiência?

3.1 Você teve que mudar do campo para continuar seus estudos ou não?

3.2 Você considera que os alunos do campo têm mais dificuldade em fazer o EJA, do que o aluno da cidade? Se tem, em que aspectos?

3.3 Conte como é sua relação com os colegas, professores, você sofre algum preconceito por ser do campo? Sente alguma dificuldade por isso?

3.4 O que mudou na sua vida como mulher estudante da EJA?

4. Quais são os seus projetos de vida? O que pretende fazer de agora em diante, ou futuramente?